

PARATOPIA: O DISCURSO ACERCA DO SUJEITO NIILISTA ALOJADO NO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI

João Benvindo de Moura¹
José Mágnio de Sousa Vieira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o sujeito niilista inserido no discurso literário *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. As noções de *ethos* espaço e pessoa subsidiam a apropriação do sujeito pela linguagem na construção do discurso. Os cinco fragmentos do *corpus* são a embreagem paratópica marcadora das enunciações niilistas. O sujeito paratópico tem discurso aceitável ganhando força pelo lugar de onde instaura-se no âmbito sócio-histórico em que propaga a si próprio, conforme Maingueneau (2014). A pesquisa evidencia que o sujeito vive de seu parasitado, o discurso literário, buscando nele os elementos necessários para fazer emanarem seus posicionamentos, suas convicções.

Palavras-chave: Discurso Literário, Paratopia, Sujeito, Niilismo.

Introdução

O discurso literário é nutrido de elementos externos que contribuem para sua formação discursiva. Sua localização não é delimitada a não ser por razões externas necessárias para a garantia de certa estabilidade que permita que o dizer seja dito. O *ethos* do sujeito niilista analisado neste trabalho se encontra alojado no discurso literário. Para Maingueneau (2014b) o discurso literário pertence a um lugar paratópico, instável. Neste trabalho o próprio discurso literário é considerado enquanto um lugar, cuja localização depende de uma negociação entre um dentro e um fora do discurso. Para Maingueneau (2001) o campo literário é uma localização parasitária e o escritor deve se tornar um

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Graduado em Licenciatura Plena em Letras/Português. Professor da Universidade Federal do Piauí- UFPI, *campus* Ministro Petrônio Portella. E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br

² Mestre em Letras (área de concentração Linguística) pela Universidade Federal do Piauí. Graduado em Licenciatura Plena em Letras/Português. Professor da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, *campus* Professor Antonio Geovanne Alves de Sousa. E-mail: magnoreute@bol.com.br

parasita dessa localização para que a obra literária seja formada. A presente proposta é uma tentativa de filtragem do aporte teórico de Maingueneau. O discurso literário é entendido enquanto o próprio lugar habitado por um parasita, o sujeito niilista, que enquanto alojado nele emana seu dizer enunciativamente a partir do que o discurso em si permite que seja dito.

No que se refere à proposta deste trabalho, as noções de espaço e pessoa dão subsídios importantes, estes por permitirem delimitar melhor a apropriação do sujeito pela linguagem na construção do discurso niilista, aqueles por auxiliarem na noção de espaço linguístico para a compreensão da Paratopia. Para a análise proposta foram selecionados cinco fragmentos do *corpus* que subsidia este trabalho que proporcionaram a materialidade discursiva necessária à comprovação das enunciações niilistas do sujeito. Entendido como parasita, o sujeito vive de seu parasitado, o discurso literário, buscando nele os elementos necessários para fazer emanarem seus posicionamentos, suas convicções.

Ethos e sujeito

Charaudeau & Maingueneau (2014) apresentam o termo *ethos* designando a imagem que o locutor constrói de si em seu discurso para influenciar seus alocutários. De acordo com os autores citados o enunciador, em seu discurso, atribui uma posição institucional marcando sua relação a um saber e se deixa apreender como detentor de uma voz e um corpo. Para eles cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis determinantes em parte da imagem de si do locutor que pode escolher mais ou menos livremente sua *cenografia* que lhe apregoa a postura a ser tomada. O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno (*ethos* prévio ou pré-discursivo) fundamenta a imagem que ele constrói em seu discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2014).

Maingueneau (2013) clareia a noção de *ethos* afirmando se tratar de um fenômeno que por meio da enunciação revela a personalidade do enunciador em um processo no qual o enunciado deixa o *ethos* transparecer e junto com ele um tom que: “permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do

corpo do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito. (MAINGUENEAU, 2013, p. 107).” O tom e o fiador dão ao dito uma espécie de autoridade legitimadora do que é proferido. Este *ethos* nunca será a coisa ou o sujeito em si, mas a imagem que se constrói dela ou dele por meio dos elementos enunciativos.

A noção de sujeito é necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito, enquanto locutor, com relação a sua atividade languageira. Ela traz consigo relações entre o sujeito e os dados da situação de comunicação em que ele se encontra. Conduz, ainda, os procedimentos de discursivização, os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua competência não é tanto linguística quanto comunicacional e discursiva (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2014). Charaudeau também defende que o sujeito do discurso é parcialmente sobredeterminado pelos condicionamentos de diversas ordens e livre para operar suas escolhas no momento de focalizar seu discurso. É coagido pelos dados da situação de comunicação que o conduzem a se comportar discursivamente de certa maneira, e livre de se individualizar, o que o leva a usar estratégias.

O sujeito do discurso é polifônico, carrega consigo vários tipos de saberes, conscientes, não conscientes e inconscientes desdobrando-se na medida em que é levado a desempenhar alternativamente o papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a relação de seu interlocutor e do sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato. No primeiro caso, ele exerce o papel de codificador; no segundo, o papel de decodificador, ambos, produtos de inferências. (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2014).

Para aproximar melhor a noção de sujeito das conceituações já expostas de *ethos* parece oportuna a apresentação do sujeito de enunciação que Vieira (2017) faz:

O leitor, ao se ver envolvido pelo discurso que seu ato de interação com a leitura provoca, torna-se partícipe desse movimento e agregador do *ethos* efetivo, ou seja, daquele por quem o sujeito de enunciação perpassa para chegar ao mundo físico em que se configura como *ethos* mostrado por meio do qual ele passa a ter direito a proferir palavras. (VIEIRA, 2017, p. 43)

Essa assertiva acaba por explicar a discussão sobre o discurso literário que virá a seguir uma vez que versa a respeito da própria inter-relação presente no ato de interação entre o leitor e a leitura na busca pelos sentidos que emanam do discurso. Para atingir o direito de dizer, ou seja, chegar à instância do físico, do corpóreo, mostra-se aos outros através de enunciados que o permitem ser sujeito de enunciação, o sujeito de enunciação Homem do Subsolo conforme se verá adiante.

Discurso literário

Antes de adentrar no âmbito da Análise do discurso, o discurso literário atravessou um caminho de que se nutriu até ficar preparado para os estudos na perspectiva discursiva propriamente dita. A primeira delas foi a nova crítica cujo interesse era concentrar a atenção nas condições da comunicação literária e na descrição sócio-histórica das obras. A estética da recepção direcionava seu olhar para a relação entre a obra e o horizonte de expectativa, nesta perspectiva o sentido da obra não é fechado em si mesmo nem estável, permitindo tanto ao autor quanto ao receptor manifestarem-se na construção de sentido.

Maingueneau (2013) diferencia as categorias gênero e tipo de discurso. Nessa perspectiva o discurso literário constitui um tipo de discurso associado a ‘setores da atividade social’ que possui em seu interior diversos gêneros de discurso. O autor também apregoa a divisão setorial das atividades sociais. A função predominante de um discurso acaba por classificá-lo um discurso em uma tipologia discursiva. Para Maingueneau, uma obra aponta para seus protótipos. Desse modo, um tipo de discurso dito literário não é dissociado dos paradigmas que de certo modo norteiam por imposição suas normas de escrita aos que pretendam adentrar no âmbito da produção literária. O discurso literário nessa perspectiva não é um gênero, mas um tipo que agrega gêneros de discursos com características próprias e constituidoras de uma certa autonomia em relação a esse tipo discursivo.

Ao mesmo tempo em que constitui um campo autônomo, habita e é habitado por gêneros, um discurso literário é lugar de ideologias alojarem-se e aloja-se em contextos que lhe permitem ressignificar. O discurso literário é abrigo de ideologias que só podem dizer mediante autorizações contextuais e se abriga nas possibilidades de sua própria constituição.

Os estudos sobre intertextualidade trouxeram à tona a noção de polifonia de Bakhtin que desemboca no interdiscurso frente ao discurso. As obras literárias passam a ser vistas não mais enquanto monumentos estáticos a serem contemplados, mas pela relação de cruzamento que estabelecem com outras obras e com outros gêneros. (Maingueneau, 2001). Outra perspectiva, mais francófona, que se preocupa em sair da imanência do texto é a sociocrítica que para Amossy apregoa o seguinte (2004, apud Maingueneau 2014 b, p. 37): “A obra diz a sociedade de seu tempo na medida em que o “trabalho textual” ora desfaz as armadilhas do já dito e das ideias recebidas, ora deixa perceber as tensões e as aporias reveladoras de um impensado.” A pretensão da sociocrítica é ser a leitura dos textos literários ao lado de outras enquanto que a Análise do discurso busca as múltiplas leituras que a obra autoriza. (Maingueneau, 2014 b).

Paratopia

A paratopia é uma noção introduzida por Maingueneau (1993)³ para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre lugar e não lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”(CHARAUDEAU&MAINGUENEAU, 2014, p. 28). Esse estatuto paradoxal resulta da especificidade desses discursos que só podem autorizar-se por si mesmos: se o locutor ocupa uma posição tópica, ele não pode falar em nome de alguma transcendência, mas se não se inscreve de alguma forma no espaço social, não pode proferir uma mensagem aceitável.

A noção de paratopia, independentemente dos produtores de textos, pode ser aplicada ao próprio campo discursivo que funda seu direito à fala: um profeta ou um filósofo são paratópicos na medida em que os discursos religioso ou filosófico o são. A paratopia assume aparências muito variadas segundo os lugares e as épocas: a *República das letras* do século XVIII não é a boemia do século XIX, o profeta bíblico não é o *teleevangelista* contemporâneo. A paratopia pode se reduzir a um estatuto sociológico; neste nível, há apenas paratopias potenciais: não basta ser exilado ou órfão para ser criador. Para que a paratopia interesse ao discurso, é necessário que seja estruturante e

³ Embora haja remissão ao ano de 1993, a obra publicada no ano citado não foi consultada. Sua presença dá-se apenas por questão de contextualização do uso do termo *paratopia* por Maingueneau.

estruturada pela produção dos textos: enunciando, o locutor se esforça para superar seu impossível pertencimento, mas esse impossível pertencimento, necessário para poder enunciar desse modo, é confortado por essa própria enunciação.

Para Maingueneau (2001), o escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade. O escritor é alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um “lugar” verdadeiro.

O campo literário faz parte da sociedade, mas a enunciação literária desestabiliza a representação normalmente feita de lugar, que contrapõe um dentro e um fora. Não é possível falar de uma corporação de escritores como se fala de uma corporação de hoteleiros ou de engenheiros. A literatura define um lugar na sociedade, mas é impossível designar-lhe qualquer lugar, amenos que o escritor se afaste do que é esperado dele: produzir obras literárias. A menos que se torne parasita, ele não produz obras literárias. O campo literário enquanto lugar, resulta de uma negociação difícil entre lugar e não-lugar. É uma localização parasitaria, isto é, corre riscos perenes de perder os elementos de que se nutre para que a obra literária seja formada.

Nilismo

O termo nilismo deriva do latim *nihil*, nada. O primeiro sentido do conceito remete a um pensamento fascinado e obcecado pelo nada. Os estudos mais importantes sobre o tema separam nitidamente os conceitos de nada e negação. O nada sendo o nilismo considerado como fenômeno histórico, evento ligado à realidade e à sua crise. O nilismo no sentido estrito, tal como surgiu na filosofia do século XIX e depois como imensa força contaminadora, no século XX, e cuja análise é orientada por uma série de pressupostos. As primeiras ocorrências do termo nilismo remontam à Revolução francesa para designar os grupos que não eram a favor nem contra a revolução. O barão de Cloots declarou em discurso de 26 de dezembro de 1793 que a República dos direitos do homem não é nem teísta nem ateia, mas nilista.

Na Rússia, o nilismo passa do âmbito filosófico e literário para o social e político designando um movimento revolucionário contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade e seus valores. O que nos ocupará dentre estes âmbitos é o literário, especificamente o russo em que o discurso de Dostoiévski irá aflorar. Ainda na

Rússia, o niilismo, além do já exposto, representa um conflito entre gerações, valores e perspectivas que demole ídolos e antigas certezas. Pecoraro em sua síntese do romance *Pais e filhos*, de Turgueniev, verifica a definição de niilista designando o homem que não se curva diante de nenhuma autoridade, não admite nenhum princípio de fé.

O termo niilista após a libertação dos servos começou a ser associado à condenação e infâmia. O niilismo ético-metafísico de Dostoiévski representa um momento fundamental na história das ideias contemporâneas. Influenciou enormemente a cultura literária e filosófica da época. O homem e Deus, o Mal e o Ser rivalizam em uma rixa suicida. Dostoiévski e suas personagens, talvez, mais do que ninguém, exprimiu a laceração em que o mundo afundou. Opostos inconciliáveis, o duplo e seu próprio EU. Pecoraro (2007), define as obras de Dostoiévski como um afresco niilista e ético-metafísico cujo significado não pode ser comparável com nenhum outro.

Volpi (2012) apresenta Nietzsche como um observador entusiasta do ponto de vista aberto por Dostoiévski, inclusive sendo ambos marcantes tanto na literatura quanto no clima espiritual da Europa do início do século XX. Volpi identifica nos livros de Dostoiévski, fenômenos como a dissolução de valores enquanto crise corrosiva da alma russa. Para Volpi ao mesmo tempo em que a escrita de Dostoiévski exhibe o mal e suas consequências, como o crime e a perversão, sem ter como premissa instruir para tais condutas, seu sucesso literário favorece a difusão do niilismo no sentido de corromper normas estabelecidas.

Discussão e análise dos dados

O livro *Memórias do Subsolo* inaugura uma nova fase na obra de Dostoiévski e na literatura ocidental antecipando a maturidade do escritor. Até sua publicação em 1864, Dostoiévski era um escritor dotado de aguda percepção social e que materializava sua visão dos conflitos morais, psicológicos e sociais, que se interpenetram caoticamente de modo a destacar, com única medida do mundo, o desejo humano de salvação diante da morte e da desrazão com humor negro e anarquismo metafísico. O escritor russo cria um novo *Topos* para a literatura: o subterrâneo como lugar retórico dos labirintos interiores e retrata a Rússia *Czarista* em processo de mudança político-administrativa mediante revolução. Neste país o niilismo passa do âmbito filosófico e literário para o social e

político designando um movimento revolucionário contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade e seus valores.

Entretanto, não é para o *ethos* de Dostoiévski que essa análise dispõe seu olhar, mas para a construção do *ethos* niilista que o enunciador, o Homem do Subsolo constrói para si no decorrer das enunciações que por ele são materializadas discursivamente. O *ethos* é a construção do sujeito por meio da enunciação que aflora de quem serve de enunciador na obra, o Homem do Subsolo, o sujeito niilista é ao mesmo tempo quem enuncia e quem se retrata por meio da enunciação. O *ethos* que se configura é de um sujeito niilista e por conta disso o sujeito ora será chamado niilista, ora será chamado homem do subsolo.

[...] Dizem que Cleópatra (desculpai-me este exemplo da história romana) gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões. Direis que isto se deu numa época relativamente bárbara; que ainda vivemos numa época bárbara, porque (sempre de um ponto de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios; que, mesmo atualmente, embora o homem já tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época bárbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo que lhe é indicado pela razão e pelas ciências [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009. p. 37)

O sujeito mostra-se de um modo geral enquanto aquele que ainda não aderiu à razão e às ciências. Seu *ethos* é visto enquanto bárbaro. Cleópatra é utilizada como exemplo de grande personalidade, idolatrada por muitos, mas que na verdade é uma sanguinária, que sentia prazer com o sofrimento alheio. Ela é a personificação dos tiranos que nunca deixaram de existir. O sujeito protagonista da obra, o mesmo que narra, se afasta do compromisso com a verdade de seu enunciado pelo fato de atribuir a outrem o que é narrado sobre Cleópatra, mas ao seguir com seu argumento, aproxima o acontecimento da história romana à vida cotidiana, ou seja, a época bárbara egípcia não passou, pois o ser humano não age como a ciência o indica, ainda não se desvencilhou da barbárie.

Como se vê, o *ethos* é marcado discursivamente enquanto permanentemente bárbaro, como o que vê as coisas de modo relativamente claro e enquanto apreciador do sofrimento alheio para seu entretenimento. Critica o que está em voga. O *ethos* do sujeito niilista associado ao caráter (traços psicológicos) intenta a persuasão do outro e apoia-se sobre fatos sociais que por meio da enunciação pode reforçar ou transformar.

[...] Mas, apesar de tudo, estais absolutamente convictos de que ele há de se acostumar infalivelmente a fazê-lo, quando tiver perdido de todo alguns velhos hábitos e quando o bom senso e a ciência tiverem educado e orientado completa e normalmente a natureza humana [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009. p. 37)

O *ethos* do homem do subsolo vai se construindo niilista. Há uma relativa tendência à salvação, bem como a presença de reflexão sobre um processo mais geral de adesão dos sujeitos a uma certa posição discursiva de caráter bem assertivo. O *ethos* niilista enquanto socialmente realizável ainda não foi alcançado no discurso. É uma construção utópica que só será realizável quando o homem perder certos hábitos culturais, como os míticos, e aceitar a luz da ciência como única válida para o esclarecimento das coisas e dos seres do mundo.

O *ethos* niilista é tido como uma busca pela ciência. É a ciência que o educará, o orientará e o levará de fato ao que é natural no homem. Pelo que se vê não há um *ethos* existente, mas um *ethos* a ser construído e que para tal precisa demolir muitos comportamentos, hábitos, condutas para emergir e erguer o niilismo e o niilismo não é positivo nem negativo, mas uma mentalidade que precisa ser incorporada à constituição do *ethos* niilista para que o sujeito desperte para o que de fato é. O discurso libera um universo de sentido imposto pelo *ethos* e pela doutrina defendida. A enunciação está voltada para um coenunciador no intuito de fazê-lo aderir a tal universo de sentido.

[...] O que suaviza, pois, em nós a civilização? A civilização elabora no homem apenas a multiplicidade de sensações e... absolutamente nada mais. E, através do desenvolvimento dessa multiplicidade, o homem talvez chegue ao ponto de encontrar prazer em derramar sangue. Bem que isto já lhe aconteceu[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009. p. 36)

O discurso literário é o lugar e o sujeito niilista é um parasita no discurso literário. A identidade niilista aflora no enunciado do Homem do subsolo. O discurso legitima a enunciação. O modo como o sujeito insere-se no discurso literário depende das condições que o próprio discurso, enquanto constituinte permite. O discurso permeia todo o enunciado e é ele que permite que o sujeito emane algo de ideológico pelo seu enunciado. Percebe-se com uma suposição que parte de uma assertiva validadora da enunciação, constituinte e contribuinte do que é dito, a defesa do niilismo, daquilo que é apregoadado enquanto conduta aconselhada pelo sujeito, alojado no discurso, o que será notado com mais força na sequência abaixo.

Memórias do Subsolo é habitado por um parasita niilista que constrói para si todo um cenário sombrio, frio e emoldura-se neste lugar, nutre-se dele, valida-se por ele que lhe dá permissão, sem contestar a absorção discursiva que sofre, mas cobra pelos nutrientes que disponibiliza para a geração do discurso que proporciona, tal como um locador cobra pelo aluguel a seu locatário.

O valor é o obscurantismo que o sujeito sofre devido o fato de o autor, a autoridade competente, o escritor tornar-se o dono do discurso, de roubar todo um pensamento, de apropriar-se do que é dito em seu território. Esse é o valor que o sujeito paga por não ser de todo transparente. Ele é penalizado pelo plágio socialmente validado que o escritor lhe acomete. A suposição distancia o comprometimento de quem enuncia quanto à validação do que é dito ao mesmo tempo em que o próprio enunciado que o sujeito constrói valida o dito antes de apresentar o que é suposto. É uma modalidade epistêmica por natureza.

[...] Notastes acaso que os mais refinados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados, diante dos quais todos estes Átilas e Stienka Rázin não valem um caracol, e se eles não saltam aos olhos com a mesma nitidez de Átila e Stienka Rázin, é justamente porque são encontrados com demasiada frequência, são por demais comuns, e já não chamam a atenção[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009. p. 36)

O niilismo enquanto evento ligado à realidade e à sua crise (existencialista). O niilismo é ético-metafísico. O mal e o bem rivalizam e o niilismo não é nenhum deles, mas o fato de ver o óbvio na névoa. O locutor se inscreve de alguma forma no espaço social para proferir uma mensagem aceitável. O discurso literário, enquanto lugar, permite que o sujeito manifeste-se discursivamente a partir dele, que diga nele e por ele. Não há um sujeito niilista que diga no discurso analisado explicitamente ser niilista, ele diz pelo enunciado, ele emerge pelo discurso gerado, constituído e cujas marcas niilistas são materializadas nele. O niilismo não se mostra como uma entidade inatingível, o sujeito niilista é possível, verossímil, provável de existir, porque o contexto do discurso lhe proporciona a possibilidade de existência.

Entretanto, não é palpável, não é explícito, é revestido de uma ideologia que não pode ser outra, pelo que defende senão a niilista. Aquela que entre escolher dicotomias como a de bem e mal, de Deus e Diabo, escolhe a coerência que pode comprovar para ele a existência ou a negação de toda e qualquer dicotomia.

O sujeito niilista questiona a tendência humana de categorizar, dar nome as coisas, aos comportamentos, as associações feitas dos homens pelos homens. Questiona o critério de barbárie, que no correr do tempo muda como o homem muda. Apregoa que o que antes não chocava por não ser bárbaro em outro tempo aterroriza porque os critérios socialmente estabelecidos assim o impõem. Afirma que o que é corriqueiro deixa de chamar atenção, por ser comum. Para o sujeito aqui taxado como niilista o que torna algo normal é a frequência da prática, pois se muitos cometem atrocidades elas deixam de ser bárbaras e passam à categoria de comuns e daí a valor moral ou prática social.

[...] se o homem não se tornou mais sanguinário com a civilização, ficou com certeza sanguinário de modo pior, mais ignóbil que antes. Outrora, ele via justiça no massacre e destruía, de consciência tranquila, quem julgasse necessário; hoje, embora consideremos o derramamento de sangue uma ignomínia, e mais ainda que outrora. O que é pior? Decidi vós mesmos [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009. p. 36-37)

O *ethos* niilista é uma constante. Ele é sanguinário, ignóbil, massacrante. Mostra-se enquanto metamorfoseado e atualizado ao que se predica certo ou errado. A ideia de certeza muda conforme as circunstâncias e o *ethos* metamorfoseia-se sem mudar. Anda a favor das correntes que impõem a moral sobre os sujeitos. O *ethos* é construído enquanto adaptável às condições de vida social. Se o que é normal em dada época é a ignomínia, o sujeito é ignóbil, se em uma época posterior a mesma prática é apregoada, o sujeito é justiceiro. Como se vê o sujeito em si nem sempre precisa se mover para ser taxado enquanto ignóbil ou justiceiro. O próprio modo como o seu *ethos* o molda trazendo até ele uma época ou outra modifica sua inserção.

O sujeito é menos deslocado do que contextualizado. O *ethos* se encarrega de caracterizá-lo e tal caracterização pode lhe atribuir marcas de alguém do século XVIII ou do século XXI. O fato de dizer-se corriqueiramente que alguém está além de seu tempo, por versar sobre coisas que não são versáveis em dada época comprova isso. Dostoiévski versou sobre uma temática alheia a ele e em seu processo de escrita construiu para seu sujeito um *ethos* niilista sem sê-lo ele próprio.

O próprio discurso literário tido como cânone tem tal denominação pelo fato de vencer a época e poder ser recontextualizado sem que em sua materialidade abale aquilo denominado por Maingueneau (2014b) embreante ou embreagem paratópica, marcadora do enunciado no discurso. É a obra quem abala o tempo e por isso ela se torna perene

enquanto que o tempo é mutável. O sujeito niilista não necessariamente emerge na mesma época para todas as pessoas. Ele depende do modo como os leitores o recebem. Enquanto o sujeito é implícito, o *ethos* se mostra explícito e suas características são marcadas na embreagem enunciativa que espera serem encontradas no discurso.

Pode-se perceber que as mazelas e a salvação andam pelo mesmo lugar, mediadas pela invenção necessária ao equilíbrio frágil e instável da sociedade. O discurso literário, entendido enquanto lugar, permite que o *ethos* do sujeito seja construído pela enunciação. O sujeito niilista formado e exposto é até realizável, mas no momento da enunciação em tela, pelo modo como é exposto, ainda não é viável. O sujeito niilista só é plenamente realizável quando o bem e o mal morrem da alma humana que os abriga (PECORARO, 2007).

A paratopia designa a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social, discursivo e enunciativo e implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos que constituem o discurso literário, conforme salienta Maingueneau (2014b). O discurso literário, conforme dito, é um emaranhado de outros discursos que o constituem e ele enquanto constituinte impõe regras que o delimitam e o diferenciam dos outros discursos. Ele não permite tudo, porém dá ao sujeito niilista um modo de coexistir no mundo pelo discurso. O discurso permite que o sujeito marque-se discursivamente, mas não autoriza a ideologia niilista em si.

Considerações finais

A análise resultou na identificação do sujeito enquanto ocupante de uma posição tópica em que seu discurso é aceitável no espaço que permite que o dizer seja dito, ganhando força pelo lugar de onde o sujeito sai e instaurando-se no âmbito sócio-histórico em que propaga a si próprio, conforme Maingueneau (2014). Desta forma este trabalho evidencia que o sujeito vive de seu parasitado, o discurso literário, buscando nele os elementos necessários para fazer emanarem seus posicionamentos, suas convicções.

Conforme salienta Maingueneau (2014 b) no discurso literário o *ethos* desempenha um papel de primeiro plano e visa instaurar mundos que ele torna sensíveis por seu próprio processo de enunciação. A participação do corpo enunciante por meio do imaginário está em primeiro plano. O sujeito niilista manifesta-se discursiva e enunciativamente enquanto centro de radiação de sua doutrina alojando-se em um

discurso literário que o abriga e nutre, dentre outros aspectos, com a possibilidade de dizer.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. *Análise de textos de comunicação*. Cap. 8. Tradução de Maria Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sirio Possenti. São Paulo: Contexto, 2014a.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014b.

PECORARO, Rossano. *Nihilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

VIEIRA, José Magno de Sousa. *A propagação de uma ideia: embreagens paratópicas constituintes do ethos do sujeito de enunciação niilista no discurso literário de Memórias do Subsolo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B5wrKyOZNIBYcWNIYm15RXpfVKE> Acesso: novembro de 2017.

VOLPI, Franco. *O nihilismo*. Tradução Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PARATOPIA: DISCOURSE ABOUT THE NIHILIST SUBJECT CHAMBERED IN DOSTOEVSKY UNDERGROUND

ABSTRACT

This paper analyze the nihilistic subject inserted in the literary discourse *Notes from underground*, of Dostoyevsky. The notions of *ethos*, space and person subsidize the appropriation of the subject

by language in the construction of discourse. The five fragments of the *corpus* are the paratopic marking the nihilistic enunciations. The paratopic subject has acceptable discourse gaining strength by the place from where it establishes itself in the socio-historical scope which it propagates itself, as Maingueneau (2014). The research shows that the subject lives on his parasite, the literary discourse, seeking in the elements necessary to emanate his positions, his convictions.

Keywords: Literary Discourse. Paratopia. Subject. Nihilism.

Recebido em 20/01/2017.

Aprovado em 31/03/2017.